

CAPÍTULO 1

A Mente do Homem

COMPLETANDO O PROGRAMA DE DARWIN

Em 1869, Charles Darwin exasperou-se com o seu amigo Alfred Wallace, co-fundador da teoria da evolução. Tinham divergido sobre vários temas relacionados com essa teoria. Porém, o principal motivo para a exaltação de Darwin foi uma publicação de Wallace respeitante à origem do encéfalo e da mente do homem. Wallace, que nessa altura tinha inclinações espiritualistas, concluiu que a selecção natural não podia explicar a mente nem o encéfalo humanos.

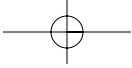
Darwin escreveu-lhe antes dessa publicação: «Espero que não tenha assassinado o seu próprio filho, que é meu também», referindo-se, obviamente, à selecção natural. Wallace, de facto, concluiu que a selecção natural não podia explicar a origem das nossas mais elevadas faculdades intelectuais e morais. Defendia que os selvagens e os homens pré-históricos tinham encéfalos quase tão grandes como os dos ingleses; porém, ao adaptarem-se a um ambiente que não exigia pensamento abstracto, essas estruturas não tinham utilidade, não podendo, por conseguinte, ter resultado da selecção natural. Ao contrário de Wallace, Dar-

win compreendeu que essa teoria de adaptação, residindo apenas na selecção natural, não era convincente. Compreendeu que as propriedades e os atributos desnecessários numa determinada altura podiam, contudo, ser incorporados durante a selecção de outros traços evolutivos. Além disso, não acreditava que as faculdades mentais fossem independentes umas das outras. Como explicou no seu livro *The Descent of Man*, por exemplo, o desenvolvimento da fala poderia ter contribuído para o processo do desenvolvimento encefálico.

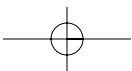
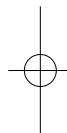
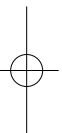
Esta obra magnífica prevaleceu, assim como outras teorias de Darwin; não obstante, falta completar o programa que criou. Uma das tarefas-chave no completamento desse programa é desenvolver uma teoria da consciência como um produto da evolução, em vez de uma substância cartesiana, ou *res cogitans*, uma substância não acessível à análise científica. O objectivo primordial deste trabalho é desenvolver essa teoria.

O que é necessário para realizar tal projecto? Antes de responder a esta questão, consideremos o registo de Darwin no seu caderno de notas em 1838: «Provada agora a origem do homem — a metafísica tem de florescer — aquele que compreender o babuíno fará mais pela metafísica do que Locke.» Estas afirmações apontam na direcção que devemos seguir. Devemos possuir uma teoria biológica da consciência e fornecer provas que apoiem essa teoria, a qual tem de mostrar o modo como as bases neurais da consciência podem ter surgido durante a evolução e o modo como a consciência se desenvolve em certos animais.

Dois pressupostos subtis mas importantes influenciam fortemente a nossa interpretação destes requisitos. O primeiro é a questão do *status* causal da consciência. Alguns defendem a teoria segundo a qual a consciência é um mero epifenómeno sem consequências materiais. Uma teoria contrária é a de que a consciência é eficaz — origina o aparecimento de coisas. Tomaremos a posição, que desenvolveremos pormenorizadamente mais



adiante, de que basta mostrar que as bases neurais da consciência, não a própria consciência, podem originar o aparecimento de coisas. O segundo desafio fundamental a qualquer explicação científica da consciência é mostrar como um mecanismo neural implica um estado consciente subjectivo, ou *quale*, como se designa. Antes de poder dar resposta a estes dois desafios, temos de apresentar uma breve descrição das propriedades da consciência e considerar alguns aspectos da estrutura e da função encefálicas.



CAPÍTULO 2

A Consciência

O PRESENTE RECORDADO

Todos sabemos o que é a consciência: é o que se perde quando se adormece num sono profundo sem sonhos e o que se recupera quando se acorda. Porém, esta afirmação superficial não nos deixa em posição confortável para examinarmos cientificamente a consciência. Para tal, precisamos de explorar as propriedades fundamentais da consciência mais pormenorizadamente do que o fez William James na sua obra *Principles of Psychology*. Antes de iniciarmos esta tarefa, será conveniente esclarecer o assunto, realçando primeiramente que a consciência é totalmente dependente do encéfalo. Os gregos e outros povos acreditavam que a consciência residia no coração, ideia que sobrevive em muitas das nossas metáforas comuns. Existe agora uma grande quantidade de evidência empírica a defender a ideia de que a consciência emerge da organização e do funcionamento do encéfalo. Quando a função encefálica é cortada, em anestesia geral, após certas formas de traumatismo craniano, depois de acidentes vasculares cerebrais e em certas fases limitadas do sono, a consciência não está presente. Não há reversibilidade das fun-

ções do corpo e do encéfalo depois da morte e a experiência *post mortem* é simplesmente impossível. Mesmo durante a vida não há provas científicas de um espírito pairando livremente ou de consciência exterior ao corpo: a consciência é corporizada. Coloca-se então a questão: que características do corpo e do encéfalo são necessárias e suficientes para que surja a consciência? Pode responder-se melhor a essa pergunta especificando o modo como as propriedades da experiência consciente podem emergir das propriedades do encéfalo.

Antes de considerarmos as propriedades da consciência neste capítulo, deve referir-se outra consequência da corporalização, a qual diz respeito à natureza privada ou pessoal da experiência consciente de cada pessoa. Eis o pensamento de William James acerca deste assunto:

Nesta sala — isto é, nesta sala de conferências — há um elevado número de pensamentos, os vossos e os meus, alguns dos quais são mutuamente concordantes, outros não. São tão pouco cada-um-de-per-si e independentes uns dos outros, como todos-pertencendo-a-todos. Não são nem uma coisa nem outra: nenhum deles existe separado dos outros, mas cada um tem afinidades com determinados outros. O meu pensamento pertence aos meus outros pensamentos e o vosso pensamento aos vossos outros pensamentos. Se em qualquer parte desta sala existe um mero pensamento que não é o pensamento de ninguém é impossível certificarmo-nos disso, porque tal experiência não existe. Os únicos estados de consciência que naturalmente conhecemos encontram-se na consciência pessoal, nas mentes, nos eus, no eu e no tu particulares e concretos.

Nestas palavras não há mistério. Uma vez que a consciência surge como resultado das funções encefálicas e corporais de cada indivíduo, não pode haver qualquer partilha directa ou co-